
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

ESMERALDA RIBEIRO E LIMA BARRETO:
UM DIÁLOGO SEM SEGREDOS

José Eugênio das Neves (FAFIJAN/UEL)
joseeugenieves@uol.com.br

RESUMO: A reescrita é um dos instrumentos empregados pela literatura pós-colonial, que trabalha com a escrita dos excluídos (colonizados, negros, mulheres, minorias étnicas e sexuais). Através dela, o(a) autor(a) pode questionar os valores contidos em um texto anterior. É o que faz Esmeralda de Barros em seu texto “Guarde Segredo”, uma reescrita de *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto. Esse trabalho pretende demonstrar os questionamentos que a autora levanta em relação ao texto original.

PALAVRAS-CHAVE: reescrita; literatura; mulheres; negros.

A ligação entre os estudos feministas e o pós-colonialismo é muito clara. Holanda recorda que Edward Said, em sua obra *Orientalismo*, reconhece que está tratando com questões semelhantes a dos estudos feministas (1994: 8). Segundo ele, os estudos éticos ou antiimperialistas e os feministas têm como ponto de partida a luta para fazer-se representar no domínio político e intelectual. Nesse sentido, Bonnici também destaca a analogia existente entre patriarcalismo/feminismo e metrópole/colônia ou colonizador/colonizado (2003: 213). O que sobressai nessas relações é o predomínio ou dominação da primeira parte sobre a segunda. Verifica-se, então, que a situação da mulher colonizada é pior do que a do homem na mesma situação, de vez que sofre uma dupla colonização, política e de gênero. Complementando o pensamento do autor acima mencionado, acrescentamos que pode haver uma situação ainda mais trágica: uma tripla colonização, que se verifica no caso das mulheres afro-descendentes que vivem em países colonizados. Nesse caso, além da dominação política e de gênero, verifica-se ainda outra ligada ao fator étnico.

A condição de mulher e afro-descendente constitui-se, aliás, num dos temas levantados no que tange ao estabelecimento de uma crítica feminista, como nos lembra

Showalter, assinalando que “as críticas negras protestam contra o ‘silêncio maciço’ da crítica feminista em relação às escritoras negras e do Terceiro Mundo e buscam uma estética feminista negra que trataria da política sexual e racial ao mesmo tempo” (1994: 24).

Deixando de lado a questão do estabelecimento de uma estética feminista negra, destacamos que é possível empregar um arsenal teórico que dê conta de tratar de problemas de política racial, de gênero e antiimperialista. Esse caminho pode ser encontrado na teoria pós-colonial. Senão vejamos, conforme já mencionamos anteriormente, a mulher, o colonizado e o afro-descendente encontram-se igualmente subjugados por estruturas de dominação, dentre as quais pode se destacar o emprego da literatura como meio para se justificar a existência desse predomínio. É preciso, então, questionar tais textos através de estratégias de descolonização.

Dentre tais estratégias, queremos chamar atenção para a reescrita. Inicialmente, observemos como a reescrita é definida no que concerne à questão colonial. Bonnici destaca que o objetivo da releitura é revelar no texto as marcas da ideologia do colonizador e do processo de colonização (2003: 216). Em sua obra *S/Z*, Roland Barthes divide os textos em duas espécies: os legíveis e os escrevíveis (1992: 37-38). Segundo o autor, os textos legíveis abrangeriam os clássicos, que podem ser lidos, mas não reescritos. Já a respeito dos textos escrevíveis, Santiago informa-nos que, nesse caso, a leitura conduz o leitor a abandonar sua posição de consumidor e se aventurar como produtor de texto, isto é, ela o convida à práxis (2000: 19-20).

Deixando de lado a classificação barthiana, que poderia se prestar a uma análise crítica mais detalhada, o que não é nosso objetivo, interessa-nos a possibilidade da reescrita de texto levantada pelo autor. Essa se constitui em uma das principais estratégias de combate ao colonialismo, ao racismo e ao patriarcalismo. Mas em que consiste e qual é a finalidade da reescrita como estratégia de combate? Bonnici informa-nos que consiste na seleção de um texto canônico da metrópole e na produção de uma nova obra paródica escrita do ponto de vista da ex-colônia, que visa, entre outras coisas, questionar pontos de vista da obra literária anterior (2003: 218). Quer dizer, o processo de reescrita pode gerar deslocamentos e substituição na hierarquia de valores (Bonnici 2000: 43). Com pequenas alterações textuais, o conceito de Bonnici pode ser aplicado à questão étnica e de gênero.

Embora não empregue explicitamente a expressão “reescrita”, Santiago apresenta conceito semelhante ao tratar da maneira através da qual os autores latino-americanos produzem seus textos, destacando que o segundo texto organiza-se a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira sobre o primeiro em que o autor tenta surpreender o original em suas limitações, fraquezas e lacunas, desarticulando-o e rearticulando-o, segundo suas intenções, sua ideologia e sua visão do tema apresentado (2000: 20). É a utilização dessa ferramenta que analisaremos em seguida. Antes, porém, é necessário apresentar o contexto histórico em que as obras foram escritas e publicadas.

A novela *Clara dos Anjos* começou a ser escrita entre 1904 e 1905 (Bosi 1999: 321), mas só foi concluída em 1922, poucos meses antes da morte de seu autor (Micheletti 1988: 6), sendo publicada somente após o seu falecimento. Com relação ao seu conteúdo, é importante destacar que a narrativa transcorre no início do século XX.

Quanto à obra de Esmeralda Ribeiro, ela foi publicada no ano de 1991, não sendo possível determinar com precisão o tempo da narrativa, graças à ausência de marcas temporais no texto. No entanto, tendo em vista a época de sua publicação e os costumes nele descritos, pode-se situá-la entre fins da década de 80 e início da década de 90. No que diz respeito ao conteúdo, Martins informa-nos que “nesse conto, Clara, uma jovem mulata narra numa carta a uma amiga as peripécias de seu pretenso desaparecimento, após matar Cassi Jones, seu namorado” (2002: 221). Esse assassinato é motivado pela traição da personagem em questão e pela humilhação que sofreu às mãos da progenitora de Cassi por conta do racismo.

Há, portanto, uma diferença de quase cem anos em relação aos dois textos. Nesse espaço de tempo, ocorreram mudanças no que tange à posição da mulher e do afro-descendente na sociedade brasileira, que podem ser vislumbradas através da leitura dos textos e das quais trataremos abaixo.

Uma diferença que salta aos olhos, numa leitura inicial dos textos, é o tipo de narrador. Lima Barreto emprega um narrador em terceira pessoa, onisciente, que emite sua opinião acerca dos acontecimentos e/ou comportamentos das personagens, seja através de pausas na narrativa, seja através da fala de alguns personagens, como Marramaque e Clara dos Anjos. Em todos os casos, porém, o que predomina são os pensamentos e as idéias do autor. Trata-se, portanto, de uma visão masculina acerca de problemas que concernem à mulher. A mulher é, portanto, objeto de uma escrita e não o sujeito dela. Já Esmeralda Ribeiro emprega uma narradora em primeira pessoa. Assim, a autora dá a palavra à mulher, para que possa manifestar de viva voz seus pensamentos, suas inquietações e vivências. Mesmo quando a escritora incorpora algumas de suas idéias à fala da personagem, trata-se de uma visão feminina acerca de problemas que atingem as mulheres. Ela fala, portanto, de experiência própria, pois como mulher está sujeita aos mesmos problemas enfrentados pela protagonista.

Por outro lado, no que diz respeito às questões étnicas, ambos os autores falam com conhecimento de causa, pois são afro-descendentes e conhecem em profundidade o problema do racismo.

A obra de Esmeralda Ribeiro inova também por ser escrita em forma de carta, o que gera uma maior proximidade com o leitor, conforme destaca Martins, chamando a atenção para o fato de que: “O destinatário [...] engendra também um duplo vetor de recepção: tanto é a amiga quanto nós, leitores-narratários, tornados cúmplices da dupla subversão do sistema, feridos tanto pela protagonista, quanto por sua criadora” (2002: 222).

Outro ponto interessante a observar são os papéis que desempenham homens e mulheres nas obras citadas. Conforme já vimos, a ação da novela *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, transcorre no início do século XX, no período denominado de *Belle Épo-*

que. Soihet chama a atenção para a tentativa, na época, de implantação de uma família nos moldes burgueses entre os populares, visando adequá-los ao novo projeto burguês de sociedade (2008: 362-363). O texto de Lima Barreto apresenta-nos uma família que procura enquadrar-se nos moldes burgueses, a de Joaquim dos Anjos, e que fracassa nesse empenho por motivos que consideraremos mais tarde.

Esse projeto de implantação de um modelo burguês de família nos extratos populares incluía o estabelecimento de determinado papel para a mulher e para o homem, que contava com um apoio de peso na época: a ciência. A medicina social atribui à mulher por conta de razões biológicas, características como: fragilidade, recato, domínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais e subordinação da sexualidade à vocação maternal. O homem, ao contrário, apresentaria força física, natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. Dessa forma, justificava-se a exigência às mulheres de uma atitude de submissão e um comportamento que não viesse a macular a sua honra. Não deviam exercer a sexualidade antes do casamento e depois deviam restringi-la somente ao âmbito desse matrimônio (Soihet 2008: 363).

Tais caracterizações, em seu conjunto, formavam um discurso colonizador acerca do comportamento dos gêneros, que coagia as pessoas a agirem de acordo com seus pressupostos, assumindo, assim, os papéis que lhes eram reservados. Aos homens, estimulava-se o exercício livre da sexualidade, que servia como símbolo de sua virilidade. Por outro lado, na mulher, reprimiam-se todos os desejos e impulsos sexuais. Mulheres solteiras que perdessem sua virgindade não tinham direito a qualquer tipo de consideração e deveriam arcar sozinhas com o peso das conseqüências do seu “erro”, considerando-se os homens livres de qualquer responsabilidade no caso (Soihet 2008: 390).

O texto barreteano destaca em seu bojo a força de convencimento desses argumentos. Isso pode ser verificado no que concerne à personagem Cassi Jones, cuja principal característica é uma forte sexualidade, que resultava na sedução de muitas mulheres solteiras e casadas. Para escapar das conseqüências de seus atos, Cassi emprega um ardil que coaduna com o discurso colonizador e patriarcalista que descrevemos anteriormente:

Todas essas proezas eram quase sempre seguidas de escândalos, nos jornais, nas delegacias, nas pretorias; mas ele, pela boca dos seus advogados, injuriando as suas vítimas, empregando os mais ignóbeis meios de prova de sua inocência, no ato incriminado, conseguia livrar-se do casamento forçado ou de alguns anos na correção.

Quando a polícia ou os responsáveis pelas vítimas, pais, irmãos, tutores, punham-se em campo para processá-lo convenientemente, ele corria à mãe, Dona Salustiana, chorando e jurando a sua inocência, asseverando que a tal fulana – qualquer das vítimas – já estava perdida, por esse ou aquele; que fora uma cilada que lhe armaram, para encobrir um mal feito por outrem, e por o saberem de boa família, etc., etc. (Barreto 1988: 24)

Dado o comportamento que se esperava de cada um dos sexos, o juízo era sempre favorável ao homem, que sabedor disso, utilizava-se desse discurso para escapar de uma punição.

Quanto ao comportamento feminino, como já vimos anteriormente, um dos aspectos mais valorizados era a “honra”. Para que ela pudesse ser preservada lançava-se mão de uma vigilância constante sobre as mulheres, principalmente quando se encontravam nas ruas. Não era próprio para uma “mulher honesta” sair só (Soihet 2008: 365). Essa vigilância pode ser observada claramente no comportamento dos pais em relação à Clara dos Anjos. Embora pertencentes ao extrato popular, eles reproduzem com exatidão as prescrições burguesas, no que concerne a Clara, que:

Raramente saía, a não ser para ir bem perto à casa de Dona Margarida, aprender a bordar e a costurar, ou com esta ao cinema e a compras de fazendas e calçado. A casa dessa senhora ficava a quatro passos de distância da do carteiro. Apesar de ser uso, nos subúrbios, irem as senhoras e moças às vendas fazer compras, Dona Engrácia, sua mãe, nunca consentiu que ela o fizesse. (Barreto 1988: 41)

Tal sistema de vigilância não é bem visto no romance:

Essa reclusão e, mais do que isso, a constante vigilância com que sua mãe seguia os seus passos, longe de fazê-la fugir aos perigos a que estava exposta a sua honestidade de donzela, já pela sua condição, já pela sua cor, fustigava-lhe a curiosidade em descobrir a razão do procedimento de sua mãe.

[...] Engrácia, cujos sentimentos maternos eram louváveis e meritórios, era incapaz do que é verdadeiramente educação. Ela não sabia apontar, comentar exemplos e fatos que iluminassem a consciência da filha e reforçassem-lhe o caráter, de forma que ela mesma pudesse resistir aos perigos que corria.

A mulher de Joaquim dos Anjos tinha a superstição dos processos mecânicos, daí o seu proceder monástico em relação à Clara.

Enganava-se com a eficiência dela; porque, reclusa, sem convivência, sem relações, a filha não podia adquirir uma pequena experiência da vida e notícia das abjeções de que está cheia, como também sua pequenina alma de mulher, por demais comprimida, havia de se extravasar em sonhos, em sonhos de amor, de um amor extra-real, com estranhas reações físicas e psíquicas. (Barreto 1988: 52)

Alguns pontos da citação merecem consideração. Embora questione o tipo de educação dado a Clara, o autor adere ao discurso da necessidade da preservação da “honra” feminina, conforme se pode depreender do comentário acerca de Engrácia, cujos sentimentos maternos são descritos como louváveis e meritórios. Ou seja, embora Barreto concorde que é preciso proteger a “honestidade” das donzelas, discorda do meio empregado para isso: a educação repressora e de clausura. Outro ponto interessante a considerar é a razão apresentada pelo autor para essa proteção. Essa

razão torna-se clara quando analisamos a descrição de Clara dos Anjos, que possui uma pequenina alma de mulher, que, por ser protegida demais, acabaria por extravasar-se em sonhos de amor irrealis, que resultariam em estranhas reações físicas e psíquicas. Queremos chamar a atenção em especial para a expressão “alma de mulher”. O que ela significaria? Um exame detalhado de uma descrição da personagem, apresentada posteriormente pelo autor, ajuda a responder a essa questão:

Clara era de uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. [...] A filha do carteiro sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o seu destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões. A idade, o sexo e a falsa educação que recebera, tinham muita culpa nisso tudo; mas a sua falta de individualidade não corrigia a sua obliquada visão da vida. (Barreto 1988: 86-87).

Clara é descrita como uma moça sonhadora e frágil, que necessitava de alguém que lhe oferecesse uma educação que a preparasse para defender a sua “honra”. Seus pais não estavam preparados para isso e, assim, falharam na tarefa de construir uma família nos moldes burgueses. A filha de Joaquim dos Anjos precisava desse tipo de educação porque nela havia o predomínio do sentimento sobre a razão. Dentre as causas apontadas para esse comportamento está o sexo. Ora, isso demonstra que o autor atribui essa característica ao sexo feminino, conforme pensamento veiculado na época. Cumpre ressaltar, entretanto, que não considera o gênero como único responsável pela fragilidade moral da personagem. Ele inclui ainda a idade (é adolescente) e a educação defeituosa.

Por outro lado, Esmeralda Ribeiro não se preocupa tanto com a questão do comportamento feminino. Se não há opinião da escritora, existem diversos detalhes, que demonstram uma mudança nesse comportamento e na forma como a sociedade encara as mulheres. É interessante analisarmos alguns deles. No conto “Guarde Segredo” não se verifica mais uma excessiva preocupação em proteger a “honra” da protagonista. Ao invés de uma mulher presa em casa e constantemente vigiada, o que se observa é uma adolescente que circula livremente pela cidade e que tem permissão inclusive de viver longe de seus pais, sob a proteção de uma avó, que não exerce sobre ela vigilância. Os pais, aliás, aparecem pouco na história. Prova dessa liberdade concedida à protagonista são os constantes deslocamentos espaciais realizados solitariamente pela menina, em um dos quais conhece Cassi Jones. Outra prova pode ser verificada no seguinte trecho do conto de Esmeralda Ribeiro: “não comentei com vovó sobre o meu romance, mas acho que já sabia. Um dia de manhã, me disse: ‘Como vai Cassi Jones?’”. Embora a avó soubesse do caso, não intervém para “salvaguardar a honra” da neta, permitindo-lhe decidir por conta própria o que fará

de sua vida. É preciso ressaltar, no entanto, que o comportamento de Cassi Jones repete o de seu homônimo da novela de Lima Barreto, demonstrando a persistência da idéia machista de que o homem deve ser um “conquistador”.

Quanto à personalidade da protagonista, longe de ser uma moça “casadoira” e cheia de sonhos como a Clara original, a personagem de Esmeralda Ribeiro confessa em relação a Cassi Jones: “não o amava, mas não conseguia resistir a todo aquele charme”. Em outras palavras, ela sabe diferenciar bem o amor e uma mera atração física e encara realisticamente sua relação com o namorado, vendo-a apenas como um simples namoro e não como um caminho para um casamento. Assim, observa-se que a mulher não está mais presa à necessidade obsessiva de arrumar um matrimônio e de preservar a “honra” antes de sua realização, conforme se verificava no início do século passado.

Um segundo aspecto a ser destacado e que merece atenção ao compararmos os dois textos diz respeito à questão racial. A preocupação de Lima Barreto ao produzir sua obra torna-se bem clara quando examinamos a dedicatória inicial e a citação textual que vem em seguida. Lima dedica o livro a sua mãe e, ato contínuo, lança mão de uma citação do livro *História do Brasil*, de João Ribeiro, que faz referência à forma como os colonizadores tratavam as índias, alguns as desposando e outros abusando da inocência delas, abuso que persiste na época da escrita da obra em relação às mestiças. Miguel-Pereira deixa bem claro o objetivo do escritor ao mencionar que a epígrafe torna patente a intenção com que escreveu a obra (1973: 312). A dedicatória que faz à mãe, lembrando os perigos a que estaria exposta na mocidade, demonstra sua preocupação com a sorte das donzelas mestiças. O que tinha em mira era o drama de muitas gerações de mulheres negras e mestiças.

Clara está especialmente vulnerável devido à sua posição e cor, que a fazem, segundo o ponto de vista do escritor, correr maior perigo de ficar exposta às tentativas de sedutores mal intencionados. Sua desconfiança não é desprovida de razão, pois, na época, as mulheres dos segmentos mais baixos, mestiças, negras e brancas, viviam menos protegidas e mais sujeitas à exploração sexual (Soihet 2008: 368). A obra de Barreto demonstra essa situação, conforme se pode depreender da seguinte observação feita por Marramaque, padrinho de Clara:

Na sua vida tão agitada e variada, ele sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e cor de sua afillhada; e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher. ‘A priori’, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social. (Barreto 1988: 40)

Clara endossa esse conceito, engrossando a lista das jovens negras ou mestiças, que se tornam “vítimas fáceis do ‘fetiche’ dos namorados brancos e do desejo de brancura” (Martins 1996: 117). A personagem, no entanto, só adquire consciência do preconceito de que é vítima no final da trama, quando, após procurar a família de Cassi Jones em busca de reparação e de ser desprezada, constata: “Nós não somos

nada”. Sua desilusão resultante disso é a mesma nutrida por outros personagens barreteanos e, assim como eles, Clara trilha determinado percurso antes dessa tomada de consciência. Primeiro, partilhando dos mesmos valores socialmente dominantes, eles reiteram o discurso ideológico das classes dominantes. Segundo, fazem tentativas de satisfazer ideais comuns a toda a sociedade urbana, como: o emprego estável, o casamento para as moças e o sucesso em Botafogo para um poeta compositor. Terceiro, constatam, então, a impossibilidade de atingir esses objetivos, destinados às classes superiores. Por fim, tomam consciência das desigualdades existentes (Resende 1983: 77).

Clara e sua família reiteram o discurso ideológico burguês acerca da família ideal. A personagem tenta obter um casamento com um branco. Mas, por conta do racismo, constata a impossibilidade de alcançar esse ideal. Toma, então, consciência da desigualdade existente, ao sofrer na própria pele os efeitos dela.

No encerramento da obra, através das considerações finais de sua personagem principal, Lima Barreto reitera a necessidade de mudanças no que diz respeito à educação fornecida a moças como Clara, isto é, mestiças ou negras:

não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. [...] A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. [...] O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil Dona Margarida, para se defender de Cassis e semelhantes, e bater-se contra todos os que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente. (Barreto 1988: 24)

Margarida Weber figura como modelo de educação a ser dado às moças pobres, mestiças ou negras. Essa personagem representa a educação européia, cuja adoção Lima Barreto parece julgar apropriada para o nosso meio. Além disso, cumpre às mulheres negras ou mestiças esforçarem-se para, através de sua conduta, elevar-se aos olhos da sociedade. Para atingir esse objetivo, devem adaptar-se ao modelo burguês prescrito na época. Aqui, mais uma vez, torna-se clara a concordância do autor com a necessidade de se preservar a “honra” feminina a qualquer custo.

Outro ponto interessante a considerar é que, ao percorrer essa trajetória, Clara, assim como os demais personagens de Lima Barreto, encerra sua participação “[...] sem rasgos de heroicidade, sem atos revolucionários” (Resende 1983: 77), isto é, aceitam sem reação alguma seu destino. Tal atitude do autor prende-se ao fato de que deseja apresentar de forma realista a situação social das personagens que cria. Diante disso, não é possível “fornecer fatias de sonhos ou analgésicos para as dores de seus personagens ou leitores” (Resende 1983: 77).

Barreto produz uma literatura-denúncia que pretende retratar a falta de oportunidades que persegue suas personagens marginalizadas, destinadas a ocupar somente o espaço que lhes é delegado pela sociedade. Dessa forma, a mulata “fulgura exemplarmente como figuratização de uma hamartia social, sucumbindo face a um des-

fecho previsto, predeterminado no escopo das mórbidas relações raciais no Brasil” (Martins 1996: 221).

A simples denúncia da marginalização do afro-descendente narrada em *Clara dos Anjos* não coincide com o horizonte de expectativas do moderno leitor afro-descendente, que vive em contexto histórico diferente em que se valoriza a luta pela igualdade racial. Assim, é compreensível que, para Esmeralda Ribeiro, essa ausência de uma reação à altura de Clara dos Anjos não seja aceitável, constituindo-se, dessa forma, numa limitação que se verifica na obra original e que origina a reescrita de uma nova obra em que essa situação é transformada.

Dessa forma, a personagem do conto de Esmeralda Ribeiro, ao se confrontar com o racismo da mãe de Cassi Jones e com a traição do namorado, reage de modo bem diferente da Clara barretiana:

Quando voltava para casa de vovó, fui interpelada por uma senhora gorda. Parecia muito com Cassi Jones. Ela cruzou o meu caminho e ficou parada na minha frente. Insultou-me tanto!... Disse coisas horríveis do tipo: ‘Você é a quinta negra que meu filho deflorou e também não vai ficar com ele. Nesse exato momento está com outra garota’. Além de outros absurdos, cuspiu em mim e eu também cuspi nela. Odiei aquela mulher e seu querido filho. [...] Não iria deixar por menos. Então fui ao mercado e comprei uma faca. Não tomaria nada, coragem eu tinha de sobra. Procurei, igual uma louca, o desgraçado. Encontrei-os na saleta de um hotelzinho. Ela fugiu, mas ele não teve tempo de reagir. Foram tantas facadas!... Parei quando caiu aos meus pés.

Comentando a respeito da reconstrução do original por Esmeralda Ribeiro, Martins (1996: 117-18) acentua que Clara não assume o papel de vítima, mas atua de forma transformadora, agindo sobre seu próprio destino. Ela mata o amante e não demonstra sentimentos de culpa ou recriminações, invertendo o desfecho da trama. Dessa forma, o texto barreteano não é contemplado por uma filiação especular, mas através de uma relação de fissura e suplementação da narrativa de origem. O texto de Esmeralda Ribeiro apresenta uma alteração diferenciadora, como texto suplementar que cita sim a tradição, mas também a rasura, plissando-a.

Dessemelhante de Barreto, Ribeiro não se contenta apenas em denunciar o racismo, apontando a necessidade de se reagir contra ele. Não há mais lugar para denúncias lacrimosas ou histórias exemplares de sofrimento, o que deve haver é a conscientização da necessidade de ação, de luta para se reverter o quadro de racismo ainda persistente na realidade. Em resumo, se o racismo ainda existe, o que deve mudar é a reação dos afro-descendentes quando confrontados com ele.

Ao pregar essa mudança de mentalidade, a autora evoca metalinguisticamente a figura de Lima Barreto, quer como fotografia, quer como fantasma, que assombra a velha casa da avó de Clara, situada na Rua Major Mascarenhas, no Bairro de Todos os Santos, não por coincidência local da residência de Lima Barreto por longos anos.

O fantasma, aliás, retornou à casa por conta própria, conforme revela a avó da menina no conto de Esmeralda Ribeiro: “Não tive culpa, foi ele quem pediu para voltar”. Qual seria a razão desse retorno? Isso pode ser comprovado através do diálogo que se processa entre o escritor-fantasma, a neta e a avó, ocorrido após o episódio do assassinato de Cassi Jones:

- Você matou Cassi Jones – ele interrompeu o meu devaneio.
- Matei – respondi. ‘Como soube disso?’, interroguei-me.
- Bravo! Esse era o outro final que eu queria para o cafajeste do Cassi Jones. O escritor tirou da máquina o papel, rasgou em pedacinhos e jogou no lixo. Olhou para vovó e disse: ‘Obrigado. Eternamente obrigado’. Então vovó Olívia falou aquilo: ‘Tinha de ser assim, minha neta’, e continuou: ‘Nós não devemos aceitar o destino com resignação’.

Ou seja, o fantasma retorna em busca de um desfecho diferente para a história que havia escrito.

Ao recompor o desfecho da obra barretiana, a autora propõe “uma autoria transversal: os ideais de Lima Barreto escritor grafam-se na escrita de Esmeralda Ribeiro”. Em outras palavras, preso à descrição realista, Lima Barreto, mesmo que desejasse outro desfecho, só poderia produzir aquele que colocou no final de sua obra. É pelas mãos de outro escritor afro-descendente, Esmeralda Ribeiro, que Barreto pôde finalmente ser contemplado com o final que desejava dar à sua narrativa.

Produzindo uma analogia entre a obra literária e a realidade de luta do afro-descendente, as velhas gerações de batalhadores como Gama, Barreto e outros se vêem contempladas em alguns de seus desejos na luta das novas gerações, que já avançou muito, ainda que a vitória total contra o racismo não tenha sido alcançada.

OBRAS CITADAS

BARRETO, Lima. 1988. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ática.

BARTHES, Roland. 1992. *S/Z: uma análise da novela Sarrasine de Honoré de Balzac*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BONNICI, Thomas. 2000. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: EDUEM.

———. 2003. “Teoria e crítica pós-colonialistas”. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Thomas Bonnici e Lúcia Osana Zolin, orgs. Maringá: EDUEM. 257-285.

BOSI, Alfredo. 1999. *História concisa da Literatura Brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

- FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. 2003. "Operadores de leitura da narrativa". Thomas Bonnici e Lúcia Osana Zolin, orgs. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM. 33-58.
- HOLANDA, Heloísa Buarque de. 1994. "Feminismo em tempos pós-modernos". *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco. 8-19.
- MARTINS, Leda. 1996. "O feminino corpo da negrura". *Revista de Estudos de Literatura* (Belo Horizonte) 4 (out): 111-121.
- . 2002. "Arabescos do corpo feminino". *Gênero e representação na Literatura Brasileira*. Org. de Constância Lima Duarte. Belo Horizonte: UFMG. 219-227.
- MICHELETTI, Guaraciaba. 1988. "Obsessão pela denúncia do racismo". Lima Barreto. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ática. 5-9.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. 1973. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília: INL.
- RESENDE, Beatriz. 1983. "A opção pela marginalia". *Os pobres na literatura brasileira*. Org. Roberto Schwarz. São Paulo: Brasiliense. 73-78.
- RIBEIRO, Esmeralda. "Guarda Segredo". Disponível em: <http://bayo.sites.uol.com.br/contos_esmeralda_ribeiro.htm>. Acesso em: 1 dez. 2008.
- SANTIAGO, Silvano. 2000. *Uma literatura nos trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- SHOWALTER, Elaine. 1994. "A crítica feminista no território selvagem". Heloísa Buarque de Holanda. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco. 23-57.
- SOIHET, Rachel. 2008. "Mulheres pobres e violência no Brasil urbano". Mary del Priore. *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto. 362-400.

ESMERALDA RIBEIRO AND LIMA BARRETO: A DIALOG WITHOUT SECRETS

ABSTRACT: The rewriting is a tool used in postcolonial literature which works with the writing of the marginalized (colonized, blacks, women, ethnic and sexual minorities). Through it, the author may question the values contained in a previous text. That is the technique Esmeralda Barros uses in her text "Guarda Segredo", a rewriting of Lima Barreto's *Clara dos Anjos*. This paper aims to demonstrate the questions that the author raises in relation to the original text.

KEYWORDS: rewriting; literature; women; blacks.

Recebido em 12 de outubro de 2009; aprovado em 30 de dezembro de 2009.